

INICIAÇÃO À PESQUISA EM PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA: RECORTES SIGNIFICATIVOS

Fabíola Freire Saraiva de Melo (Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação:
Psicologia da Educação e docente do Centro Universitário Nove de Julho);
Luciana Szymanski Ribeiro Gomes (Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação:
Psicologia da Educação e docente da PUC-SP e do Centro Universitário Nove de Julho);
Marina Marcondes Machado (Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação:
Psicologia da Educação e docente do Centro Universitário Nove de Julho).

Resumo

Este estudo relata a experiência docente das autoras em uma disciplina denominada Estágio Básico, do curso de psicologia de um Centro Universitário na cidade de São Paulo. A partir de depoimentos dos alunos, as autoras tecem um recorte sobre a iniciação em pesquisa na psicologia fenomenológica. O trabalho realizado teve duração de um ano, baseou-se em exercícios de observação, descrição e interpretação e teve como eixo os princípios éticos da suspensão fenomenológica.

Palavras-chave: ensino, iniciação em pesquisa, psicologia fenomenológica.

Abstract

The present study brings the authors' teaching experience on a discipline named Estágio Básico, that is part of the Psychology Graduation Course at an University Center in São Paulo. The authors developed a point of view about the research initiation on phenomenological psychology based on students speeches. This experience lasted one year and it was based on observation, description and interpretation exercises, focusing on the ethical principles of the phenomenological method.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho faz uma reflexão sobre o ensino da pesquisa em psicologia fenomenológica. Trata, no geral, de nossa experiência docente em um Centro Universitário onde lecionamos diversas disciplinas relacionadas ao pensamento fenomenológico e, no particular, do ensino de uma disciplina nomeada "Estágio Básico", dirigida aos alunos de segundo e terceiro ano do curso, na graduação de psicologia.

O Estágio Básico é uma disciplina obrigatória na grade curricular e, segundo as Diretrizes Curriculares, deve promover "o desenvolvimento de práticas integrativas relacionadas a competências características do Núcleo Comum". Neste Centro Universitário, optou-se por desenvolver, no segundo e terceiro ano da graduação, a iniciação à pesquisa como prática integrativa. Segundo o manual do aluno, "algumas das habilidades treinadas no Estágio Básico Supervisionado estão presentes no início de um processo de pesquisa (busca bibliográfica, leitura sistematizada, fichamento, relação entre os diversos textos lidos e a temática investigada) e distingue-se basicamente deste processo por não apresentar a obrigatoriedade de produção de conhecimento científico novo." Destacamos alguns objetivos do Estágio Supervisionado Básico em fenomenologia: desenvolver no aluno a capacidade para observar, descrever e interpretar fenômenos humanos; introduzir o aluno aos procedimentos de pesquisa e realizar encontros que proporcionem experiência de troca entre alunos e professores.

No ano de 2005, os alunos freqüentaram a disciplina Estágio Básico I, II III e IV (no terceiro, quarto, quinto e sexto semestre, respectivamente) no recorte fenomenológico a partir das

seguintes temáticas: *O desenho como forma expressiva* (I e II); *A ansiedade como modo de ser* (I e II); *A voz da mãe: uma fenomenologia da gestação e nascimento* (I e II) e *A dimensão existencial da loucura* (III e IV).

A proposta "O desenho como forma expressiva" foi desenvolvida pela professora Marina Marcondes Machado e tentou responder à seguinte questão: "Como tornar concreta uma pesquisa em psicologia fenomenológica sobre o desenho da criança pequena?". A maneira de responder a essa questão foi observacional e descritiva: no primeiro semestre, o aluno foi a um local público frequentado por crianças com uma pasta contendo folhas sulfite e giz de cera e, em determinado momento, abriu a pasta retirando dela os papéis e os lápis de modo a tornar possível o ato de desenhar. Não deveria chamar as crianças, mas antes esperar que elas mesmas viessem desenhar. Depois disso, o aluno descreveu detalhadamente a experiência vivida. No segundo semestre, o aluno aprofundou-se no estudo da fenomenologia do desenho a partir da noção existencial de "espacialidade". Para tal, encontrou-se com uma criança de idade entre quatro e seis anos, em situação não-escolar, e pediu: "Faz um espaço para mim?", oferecendo em seguida à criança papéis sulfite branco e giz de cera. O estudo descritivo do encontro com essa criança, somado às leituras sobre a espacialidade humana, propiciaram ao aluno a compreensão da espacialidade infantil. A principal obra de referência deste Estágio são os dois volumes dos *Resumos de Cursos* — cursos ministrados na Sorbonne pelo filósofo Maurice Merleau-Ponty, que lecionou psicologia da criança por quatro anos — os textos dos dois volumes são apontamentos feitos pelos seus alunos.

A proposta "Ansiedade como modo de ser" foi desenvolvida pela professora Fabíola Freire Saraiva Melo, e respondia à seguinte questão: "Como realizar uma pesquisa em Psicologia Fenomenológica sobre a ansiedade humana?" Esse trabalho partiu da leitura cuidadosa da obra de Rollo May, *O significado de ansiedade*, em que o autor relata diversas maneiras de compreender o fenômeno da ansiedade. O livro traz uma cuidadosa pesquisa, redigida no contexto dos anos 50, cujo grande temor "ansiógeno" girava em torno da Segunda Guerra Mundial e da bomba atômica, mas sem nunca deixar de lado a compreensão filosófica do tema (Spinoza, Pascal e Kierkegaard), a interpretação biológica da ansiedade, as interpretações psicológicas e psicoterápicas, incluindo a noção cultural de indivíduo e individualismo e a questão da competitividade no trabalho e na riqueza. Foi proposto ao aluno observar situações cotidianas que revelassem o fenômeno da ansiedade, registrando de maneira descritiva suas experiências, para depois refletir e correlacionar as leituras com as situações vividas.

Outras duas propostas foram oferecidas pela professora Luciana Szymanski Ribeiro Gomes para o segundo e terceiro ano do curso de psicologia. A primeira, "A voz da mãe: uma fenomenologia da gestação e nascimento", procurou compreender o fenômeno da gestação e nascimento a partir do olhar fenomenológico e trabalhou com a observação de situações do dia a dia que envolviam a experiência da maternidade. Partiu da seguinte questão: "Como pesquisar o fenômeno da gestação e nascimento a partir do olhar fenomenológico?" Utilizou, como referência bibliográfica, a obra *A voz da experiência: experiência, ciência e psiquiatria* do autor R. D. Laing. Neste texto, o autor desenvolve uma reflexão sobre o olhar científico (dirigido ao nascimento e à morte) e questiona a predominância das interpretações organicistas. Volta-se, em um movimento fenomenológico para a experiência propriamente dita. Nesse Estágio também se praticou a entrevista, no intuito de aproximar o aluno-pesquisador à experiência do outro e, com isso, fazê-lo refletir sobre sua própria experiência com o tema, conforme os pressupostos da "Entrevista Reflexiva" (Szymanski, 2002). A segunda proposta, "A dimensão existencial da loucura", abordou o fenômeno da loucura a partir da interlocução entre a psicologia e o cinema. Respondia à seguinte questão: "Como pesquisar fenomenologicamente a loucura tal como é apresentada no universo cinematográfico?" O trabalho também se baseou em uma obra de referência: *Doença Mental e Psicologia*, de Michel Foucault. Esse texto explora diferentes dimensões da doença mental a partir das perspectivas nomeadas pelo autor como evolucionista, histórico-individual e analítico-existencial, permitindo uma interlocução com o pensamento

fenomenológico. A escolha do universo cinematográfico se deu em função das possibilidades que cenas de filmes oferecem para exercícios de observação e descrição.

Esse texto conversa com os dizeres dos alunos e explicita sua autoria em cada trecho retirado de seus relatórios, de forma a reconhecer suas transformações no decorrer do ano: algo que nos surpreendeu e que será aqui compartilhado com o leitor.

O QUE É INICIAR-SE EM PESQUISA FENOMENOLÓGICA

Lecionamos a disciplina de Estágio desde 2004 e, apesar da diversidade dos temas, trabalhamos em um eixo comum: o método fenomenológico. Destacamos, para ensinar o aluno iniciante, alguns aspectos presentes no pensamento fenomenológico e fundamentais, no nosso ponto de vista, para *ser psicólogo*.

O primeiro deles é o exercício de observação, cuja proposta é convidar o aluno a "olhar com os olhos", ou seja, aproximar-se dos fenômenos humanos tais como se revelam, sem partir de uma grade teórica e nem da crença em uma "objetividade pura" e "neutralidade". Desse modo o aluno, munido de um "Diário de Bordo", observa situações cotidianas (nas ruas, nas praças, nos filmes e em obras de arte). Olhar com os olhos pode ser considerado como um exercício de tolerância, paciência e cuidado - ações que revelam a atitude fenomenológica. Propomos ao aluno que dê foco à experiência do outro, e não a sua própria, embora isso não seja um convite à impessoalidade. Dessa maneira, o aluno é incentivado ao exercício de dizer e escrever relatos de experiência, incluindo o pronome "eu" em contraponto ao "nós" ou ao discurso impessoal:

Questiono o que me parece às vezes tão habitual, fazemos todos os dias coisas tão comuns que nem paramos para pensar. Para Fenomenologia é especial descrever o cotidiano, positivar esse aspecto da vida, que hoje em dia raramente as pessoas valorizam (...) (Sandra Ajauskas, aluna, 2005)

(...) aprendi a olhar o outro de uma forma que jamais enxerguei. Para conhecer uma pessoa, teria que mergulhar no seu mundo e colocar entre parênteses os pré-conceitos e noções a priori. (Christiane Montenegro Meca Elias, aluna, 2005)

A partir das observações registradas no Diário de Bordo de situações cotidianas, o aluno realiza sua descrição, outra característica do pensamento fenomenológico que destacamos ao longo do Estágio. A descrição, que é inicialmente ingênua, é lapidada e enriquecida no decorrer dos semestres, a partir de leituras e reflexões. Um dos focos dos exercícios descritivos é o aprimoramento do texto, ou seja, a construção de *um discurso*, um dizer daquilo que foi visto. Propomos para o aluno remeter-se às referências de tempo e espaço, de maneira que as descrições sejam contextualizadas. Isto significa praticar um olhar fiel àquilo que se manifesta, em busca dos detalhes que o fenômeno observado revela:

(...) o fenômeno deve ser observado a partir de relações de tempo e espaço; seria necessário descrever como foi essa experiência naquela ocasião, para ter mais detalhes sobre o assunto (...) Na fenomenologia é preciso observar a "coisa mesma", como ela se apresenta (...) contextualizando a situação, detalhando o fenômeno (...) (Avani Santos Ferreira, aluna, 2005)

Fui compreendendo sobre "voltar às coisas mesmas", que é a possibilidade de encontrar novos significados e sentidos, além daqueles teoricamente formulados sobre um fenômeno. Aprendi sobre a suspensão fenomenológica que é sair da postura do cotidiano de ter pré-conceitos, valores construídos. Ela é a atitude de reaprender a ver o mundo, descrevendo e desvelando os possíveis significados. Devo sempre partir do mundo vivido e não de uma teoria, de um conhecimento, mas daquilo que vi, para assim conhecer o outro. Devo me rearticular ao mundo

do outro, para lhe mostrar a relação que ele estabelece com o seu mundo. (Márcia de Jesus, aluna, 2005)

Os exercícios de observação e descrição são, do ponto de vista fenomenológico, interpretativos: revelar um contexto de remetimentos é interpretar fenomenologicamente. Dessa maneira, as observações e descrições já implicam uma interpretação. A interpretação fenomenológica será sempre um ponto de vista possível; no caso do Estágio, considerando os alunos como pesquisadores iniciantes, a interpretação é a interlocução entre o texto descritivo produzido pelo aluno e os textos de referência bibliográfica:

Penso que no Estágio Básico o formato das aulas exigia uma busca maior das nossas próprias significações: exigia o desafio dos alunos em relação a vários aspectos: do entendimento dos textos e discussões dos mesmos, à compreensão do método fenomenológico, à realização das auto-avaliações e descrições, à experiência no espaço público, ao exercício de interpretação dos desenhos, à exposição de nossas próprias experiências. Tudo fez sentido para mim - até o fichamento de textos que eu não gostava de realizar, mas que me auxiliou muito na elaboração dos Relatórios de Estágio. (Fabiana Costa Ferreira, aluna, 2006)

Os atos de observar, descrever e interpretar são intrínsecos uns aos outros e, embora tenham suas especificidades, não são apresentados aos alunos de maneira linear. O que queremos ressaltar nesse trabalho é a *atitude* que permeia tais ações, que aqui chamamos de *atitude fenomenológica*, eixo desse Estágio. Tal atitude pressupõe o exercício de *redução* ou *suspensão*:

Tudo permanece como estava, só que não o assumo [o mundo] simplesmente como existente, mas abstenho-me de toda tomada de posição quanto ao ser a e aparência. Devo igualmente abster-me das minhas outras opiniões, juízos, das minhas tomadas de posição valorativas na referência ao mundo, enquanto pressupõem o ser do mundo, e também para eles o abster-me não significa o seu desaparecimento enquanto simples fenômenos. (Husserl, 1992 [1929]: 15)

Colocar entre parênteses seus valores, julgamentos, noções teóricas *a priori*, contudo, não é tarefa simples e nem mesmo totalmente possível, conforme veremos mais adiante. Pressupõe uma disponibilidade e abertura, por parte do pesquisador, que são aprimoradas ao longo do ano letivo. Essa prática é aquilo que une as ações anteriormente descritas - observar, descrever e interpretar- e constitui o principal foco do nosso trabalho.

Em vários momentos da pesquisa, sobretudo na avaliação reflexiva que é feita ao longo do semestre, os alunos se remetem a essa atitude:

A fenomenologia tem um modo peculiar de olhar os fenômenos. Ela procura apresentar um olhar evitando prévias classificações utilizando para isso um processo hermenêutico, processo de compreensão e interpretação dos fenômenos humanos, como por exemplo, o da loucura. (Lílian Blair, aluna, 2005)

[o aprendizado] não se limitou a somente alcançar as notas e passar um próximo semestre, mas sim (...) um aproveitamento, uma nova significação para minha futura profissão (...). Conhecer as pessoas pelo que elas são, não tendo noção a priori, não ter julgamentos, ver como elas realmente são, não julgando pelo que eu sei, mas pelo que eu vivi, sendo apresentada a elas por elas mesmas. (Rosângela Alves Cordeiro, aluna, 2005)

Agora tenho uma base para efetuar pesquisa fenomenológica e observar a essencialidade do outro, fazendo uso da descrição, da redução e da suspensão fenomenológica, que vim praticando neste relatório; durante as observações, fiz a

descrição deixando de lado os meus conceitos a priori, procurei positivar a vivência com respeito e compreensão pelo outro; me centrei e participei com muita atenção nas atividades, e, mesmo no meu dia-a-dia, procuro usar os conhecimentos que estou adquirindo com este método. (Cláudia Rodrigues Foz, aluna, 2005)

Esses depoimentos são ilustrativos da proposta central do curso; dizem respeito, cada uma ao seu modo, à *atitude fenomenológica*. Passar da *atitude natural* para a *atitude fenomenológica* requer uma reflexão cuidadosa sobre o fenômeno, de maneira que ele possa ser visto e descrito tal como se manifesta, e não a partir de quaisquer explicações teóricas prévias:

Lo que hemos expuesto para caracterizar la manera de darse algo em la actitud natural, y con ello para caracterizar a esta misma, há sido um trozo de descripción pura anterior a toda "teoria". Teorias, lo que quiere decir aqui opiniones preconcebidas de toda índole, las mantenemos rigurosamente alejadas de nosotros em estas investigaciones."(Husserl, 1949 [1901]:68)

UM MODO DE PENSAR

O percurso acadêmico do aluno que vivencia o Estágio Básico e passa pelas disciplinas ligadas ao pensamento fenomenológico revela um movimento novo: a novidade diz respeito a uma outra maneira de entender o mundo, consciente da sua limitação e especificidade. Saber das diversas possibilidades de conhecimento é, também, parte de uma atitude compreensiva, pois implica circular de um olhar para o outro no universo da pesquisa:

O pesquisador deve conhecer várias técnicas e métodos de pesquisa, e saber que um fenômeno pode ser visto de diferentes maneiras (Gorete Fátima de Almeida, aluna, 2005)

(...) aprendi que não existe uma pesquisa melhor ou pior, mas apenas pesquisas diferentes que possuem outros métodos e teorias, dependendo do que se quer saber através delas. (Andréa Hirata, aluna, 2005)

Apropriar-se da *atitude fenomenológica* tem, nesse trabalho, uma conotação bastante semelhante à de adotar uma *postura ética*. No âmbito da pesquisa, tal postura permite uma redefinição da relação pesquisador-pesquisado e uma *desconstrução* da idéia de objetividade, neutralidade e realidade "em si". De maneira mais ampla, tal postura diz respeito à atitude do profissional diante das questões que o cercam no cotidiano, ou seja, o modo como ele escuta, olha e compreende os fenômenos humanos:

O conhecimento que essa disciplina me proporcionou incentivou minha busca por informações, mas principalmente, provocou reflexão sobre as informações que eu já tenho, das minhas experiências, dos meus momentos vividos. Incentivou o exercício do pensamento; da busca por sentidos; do respeito ao tempo do outro, principalmente para aprender-ensinar. Enfim, ajudou-me a voltar às coisas mesmas, pois criei a minha rede de significações partindo das minhas experiências. (Jéssica Aparecida Fogaça, aluna, 2005)

PARA CONCLUIR

Ensinar sobre a pesquisa fenomenológica em psicologia foi, e continua sendo, um grande desafio. A atitude fenomenológica não é "explicável", bem como não pode ser transmitida de um modo programado, manipulado ou controlado pelo professor, visando uma meta de chegada específica; a atitude fenomenológica é antes *vivida* no cotidiano das aulas, nos exercícios feitos

nas ruas, na maneira como cada aluno se expressa, se comunica e compartilha sua experiência de aprendizado com o outro. Prezamos por um espaço em que o aluno tenha a chance de pensar sobre sua trajetória a todo momento; auto-avaliações descritivas são realizadas ao longo do semestre com certa frequência. Assim, ele pode e deve expressar suas conquistas e dificuldades, exercitando seu olhar em um tempo próprio.

Por ser o Estágio Básico uma disciplina obrigatória, muitas propostas são oferecidas ao aluno não apenas a partir do olhar fenomenológico, mas em várias abordagens da psicologia. Dessa forma, o aluno pode escolher a proposta de Estágio com a qual gostaria de trabalhar. Há, portanto, um interesse prévio pela abordagem; isso demonstra uma certa abertura e disponibilidade que pode facilitar nosso trabalho:

A minha escolha pelo estágio básico pelo estudo do fenômeno da ansiedade partiu do meu interesse, desde o princípio do curso, pelo método fenomenológico. Seu modo de ver e perceber o outro e seu mundo me fascinou e despertou interesse. (Analú Aghata Rodrigues, aluna, 2005)

Mesmo assim, em muitos momentos o aluno lança mão de reflexões pouco fenomenológicas, recorrendo a teorias ou a explicações causais; quando isso acontece, abrimos espaço para que ele possa fazer uma reflexão crítica sobre essa possível interpretação:

Fizemos alguns questionamentos não fenomenológicos (...) Percebemos que esse tipo de pergunta, além de induzir, direciona as respostas para satisfação da nossa curiosidade. (Kelly Cristina, aluna, 2005)

Quando lhe perguntamos sobre as modificações que sentiu em relação ao seu corpo, acabamos direcionando a pergunta para a questão orgânica. Se não tivéssemos usado essa palavra "corpo", talvez tivéssemos permitido uma abertura maior para a entrevistada falar sobre outras modificações nesse período (Solange Vegas, aluna, 2005)

Questionar a própria postura, em um exercício de auto-avaliação constante, faz parte de um processo de amadurecimento. Esse exercício é essencial no nosso trabalho, pois permite as mais diversas expressões, inclusive aquelas que revelam a frustração:

O Estágio Básico de fenomenologia me deixou um pouco a desejar, eu não me dei muito bem com o seu método descritivo, talvez por eu olhar para as coisas com uma certa objetividade. (Henrique Afonso dos Santos, aluno, 2005)

Para pensar as limitações dos alunos, devemos considerar seu perfil: a maioria apresenta dificuldades na leitura e escrita. As habilidades necessárias para a leitura de textos fenomenológicos foram desenvolvidas ao longo do ano; no entanto, a dificuldade permeou nossos projetos, constantemente reformulados para que pudéssemos nos aproximar dos alunos e instrumentalizá-los:

(...) em diálogos acerca de nossas dificuldades concordávamos que as noções [de leitura e escrita] que tínhamos e que trouxemos da escola, eram muito básicas, muito precárias para nossa necessidade atual. Posso dizer que no estágio, reaprendi a ler e a escrever, mesmo sabendo que ainda estou caminhando em direção ao aprendizado. (Ana Paula Silveira Feitosa, aluna, 2005)

Essa experiência foi fértil e muitos frutos estão sendo colhidos. Hoje, já no terceiro ano de Estágio, percebemos nossos alunos mais lapidados intelectualmente e também mais compreensivos em relação ao outro:

A aprendizagem na pesquisa fenomenológica (...) se mostrou de forma diferente do que até então conheci: uma pesquisa que se preocupa com pessoas e com o mundo de cada uma delas. Não generalizando, deduzindo, explicando os "porquês", mas se preocupando em particularizar, sabendo que cada um (...) dá sentidos diferentes para cada fenômeno, e que não é possível generalizar ou comparar (...) mas que é preciso "voltar às coisas mesmas" e descrever fielmente cada fenômeno. (Regiane Aparecida Fixa da Silva, aluna, 2005)

Agora tenho uma base para efetuar pesquisa fenomenológica e observar a essencialidade do outro, fazendo uso da descrição, da redução e da suspensão fenomenológica (...) fiz a descrição deixando de lado todos os meus conceitos a priori, procurei positivar a vivência com respeito e compreensão pelo outro (...) mesmo no dia-a-dia procuro usar os conhecimentos que estou adquirindo com este método. (Cláudia Rodrigues Foz, aluna, 2005)

Para que os alunos pudessem compartilhar essas experiências com as demais turmas, realizamos um encontro no final do ano para o encerramento do semestre. Comunicamos a experiência vivida do ponto de vista do professor e apresentamos um vídeo de cerca de 15 minutos, fruto do registro dos Estágios no ano de 2005. A filmagem foi realizada sem um roteiro prévio, durante as aulas e no decorrer do semestre, e documentou a iniciação do aluno à pesquisa, a partir do seu olhar. Nosso intuito foi registrar o discurso do aluno e exercitar assim o olhar fenomenológico, o que nos permitiu conhecê-lo por *ele mesmo*.

O processo vivido por nossos alunos não se restringiu à prática de pesquisa acadêmica estrito senso: pensamos na formação de futuros psicólogos comprometidos com a ética, disponíveis para a experiência do outro, abertos para aquilo que se mostra e, portanto, sem a expectativa de uma resposta “verdadeira” e “universal” para a complexa teia de relações humanas. Alunos que coloquem entre parênteses seus pré-conceitos e juízos de valor, para que mais plenamente possam estar com-o-outro, conscientes das suas limitações, especialmente aquelas relativas à própria noção de *suspensão fenomenológica*. Como quer Merleau-Ponty:

O maior ensinamento da redução é a impossibilidade de uma redução completa. Eis por que Husserl sempre volta a se interrogar sobre a possibilidade da redução. Se fôssemos o espírito absoluto, a redução não seria problemática. Mas porque, ao contrário, nós estamos no mundo, já que mesmo nossas reflexões têm lugar no fluxo temporal que elas procuram captar (...) como diz Husserl), não existe pensamento que abarque todo nosso pensamento. (1999:10-11).

O comprometimento do aluno com a ética revela-se lentamente, em um movimento de idas e vindas. Assim como o aluno deve exercitar sua paciência em relação aos entraves encontrados ao longo do ano, também nós devemos tolerar as dificuldades que permeiam esse processo; nesse sentido concordamos com o autor Guimarães Lopes (1993), para quem "educar é esperar".

BIBLIOGRAFIA

- FOUCAULT, M. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1991.
- LOPES, R. G. **Clínica Psicopedagógica: Perspectiva da Antropologia Fenomenológica e Existencial**. Hospital do Conde de Ferreira: Porto, 1993
- HUSSERL, E. **Ideias Relativas a uma fenomenologia pura y uma filosofia fenomenológica**. México: Fondo de Cultura Económica, [1901] 1949.
- _____. **Conferências de Paris**. Lisboa: Edições 70, [1929] 1992.
- MAY, R. **O significado de ansiedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- **Psicologia Existencial**. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

LAING, R. D. **A voz da experiência: Experiência, Ciência e Psiquiatria**, Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

MACHADO, M. M. "O *Diário de Bordo* como ferramenta fenomenológica para o pesquisador em Artes Cênicas". **Dossiê Artes Cênicas e Educação**, *Sala Preta*, n.2, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Merleau-Ponty na Sorbonne/ Resumo de Cursos/ Filosofia e Linguagem**. Campinas: Papiros, 1990a.

..... **Merleau-Ponty na Sorbonne/ Resumo de Cursos/ Psicossociologia e Filosofia**. Campinas: Papiros, 1990b.

..... **Fenomenologia da Percepção**: São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SZYMANSKI, H (org). **A Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Editora Plano, 2002.

Relatórios finais dos alunos de segundo e terceiro ano do curso de psicologia do Centro Universitário Nove de Julho - Estágio Básico I, II, III, IV, 2005.

Fabíola Freire Saraiva de Melo: fafreire@terra.com.br
Luciana Szymanski Ribeiro Gomes: lucianaszymanski@uol.com.br
Marina Marcondes Machado: mmjm@uol.com.br